

mar revolto

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Lista de Personagens

JAPÃO (HISTÓRICO)

Yoshiro Shimezu — Guerreiro samurai, envolvido numa rebelião contra o xogum.

Kasimoto — Xogum, senhor feudal que controlava grande parte do Japão Central.

Goro Masamune — O maior ferreiro do Japão, criador da Honjo Masamune, considerada a melhor espada japonesa alguma vez criada.

Sengo Muramasa — Supostamente, o aprendiz de Masamune, o segundo maior ferreiro da época histórica, criador da Lâmina Carmesim.

CHINA

Wen Li — Poderoso indivíduo nos bastidores do governo chinês e do Partido Comunista, estratega astuto também conhecido como Lao-shi, ou o Mestre Sábio.

Walter Han — Meio japonês, meio chinês, rico industrial, por vezes procurador de Wen Li.

Senhor Gao — O engenheiro-chefe de Han, especialista em robótica e informática.

General Zhang — Importante membro do Serviço Secreto Chinês, chefe do Ministério de Segurança do Estado.

AGÊNCIA NACIONAL MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

Rudi Gunn — Diretor assistente da NUMA, graduado pela Academia Naval.
James Sandecker — Ex-chefe da NUMA, atualmente o vice-presidente dos Estados Unidos da América.

Kurt Austin — Chefe da divisão de Projetos Especiais da NUMA, mergulhador de classe mundial e especialista em salvamento e recuperação de bens afundados, trabalhou em tempos para a CIA.

Joe Zavala — Braço-direito de Kurt, especialista em *design* e construção de motores e veículos, também um exímio piloto de helicópteros e um amador de boxe.

Paul Trout — Principal geólogo da NUMA, também o membro mais alto dos Projetos Especiais, com mais de dois metros de altura, casado com Gamay.

Gamay Trout — Bióloga marinha, casada com Paul, Gamay é uma fã de exercício físico e uma exímia mergulhadora.

Priya Kashmir — Especialista multidisciplinar, deveria ter-se juntado a uma equipa de campo da NUMA, antes de ter sido vítima de um acidente de viação que a deixou incapaz de andar, destacada para o Projeto da Subida dos Mares.

Robert Henley — Geólogo da NUMA, destacado para o Projeto da Subida dos Mares, na ausência de Paul.

JAPÃO (TEMPO PRESENTE)

Kenzo Fujihara — Cientista recluso e ex-geólogo, agora líder de uma seita antitecnológica, desenvolveu um método para detetar ondas Z.

Akiko — Assistente de Kenzo, anteriormente ligada ao submundo, atua como protetora daquele.

Ogata — Membro da seita antitecnológica de Kenzo.

Superintendente Nagano — Membro de alta posição na Polícia Federal do Japão, destacado para o caso Fujihara, especialista na Yakuza e no crime organizado.

Ushi-Oni — Ex-assassino da Yakuza, agora uma força clandestina, também conhecido como *Demónio*, parente distante e por vezes associado de Walter Han.

Hideki Kashimora — Subchefe da Yakuza encarregado do Sento, um estabelecimento ilegal de jogo e clube de luta, nos arredores de Tóquio.

Sangue e Aço



JAPÃO CENTRAL
INVERNO DE 1573

O TROVÃO DA INVESTIDA DOS CAVALOS DEU LUGAR AO TINIR DAS ESPADAS quando os dois exércitos se defrontaram num campo, nas terras altas do Japão.

Da sela do seu cavalo, Yoshiro Shimezu lutou com uma combinação de graça e de poder. Girou e deu golpes de espada, manobrando o seu corcel com precisão, tudo sem *hakusha*, ou esporas. O samurai não as usava.

Vestido com uma armadura pintada de tons brilhantes, Yoshiro ostentava placas nos ombros largos, guantes pesados e um capacete adornado com chifres de veado. Empunhava uma *katana*¹ reluzente, que captava cada pedacinho de luz ao cortar o ar.

Com um movimento do pulso, desarmou o seu adversário mais próximo. Seguiu-se um golpe indireto que cortou em dois pedaços a espada de outro oponente. Enquanto o soldado fugia, um terceiro inimigo atacou Yoshiro com uma lança. A ponta atingiu-lhe as costelas, mas a sua armadura, com placas sobrepostas, evitou danos mortais. Yoshiro virou-se e matou o homem com um corte descendente.

Livre por um instante, virou o cavalo numa pirueta apertada. O animal, coberto com uma armadura que condizia com a de Yoshiro, recuou, escoicinhando com as patas dianteiras, e depois pulando para a frente.

¹ Espada japonesa que não deverá ser confundida com a catana africana. (N. do T.)

Os seus cascos bem ferrados feriram um par de atacantes no rosto, atirando-os ensanguentados e feridos para o chão. Acabaram por se abater sobre um terceiro homem, esmagando-o, mas os soldados inimigos estavam agora concentrados em todos os lados.

Yoshiro virou-se de novo para a frente e para trás. Tomara o campo contra o xogum, que chegara com números esmagadores. A batalha estava a decorrer como o previsto, e Yoshiro enfrentava agora o fim.

Determinado a dizimar tantos inimigos quanto possível, o samurai atirou-se aos homens do grupo mais próximo, mas estes recuaram, numa formação defensiva, levantando escudos e longas lanças. Ele virou-se e galopou em direção a outra formação de tropas, no entanto, estas também se mantiveram encolhidas, atrás de uma floresta de lanças.

Talvez eles quisessem capturá-lo. Talvez o xogum exigisse que ele comesse seppuku² perante o tribunal. Yoshiro não aceitaria tal fim.

Impeliu o cavalo em várias direções. Contudo, a cada movimento, os soldados de infantaria recuavam. Yoshiro parou. Não queria ver o seu corcel morto inutilmente. Tratava-se de um belo animal e da sua única vantagem.

— Lutem comigo! — exigia ele, desviando-se de um grupo para o outro. — Lutem comigo se é que vos resta ainda alguma honra!

Um grunhido primitivo chamou-lhe a atenção. Uma lança fora arremessada para o local onde ele se encontrava. Com reflexos excelentes, Yoshiro conseguiu esquivar-se, cortando a haste de madeira com a espada, desviando-a e partindo-a ao meio. A arma caiu no chão em dois inofensivos pedaços.

— Não ataquem! — gritou uma voz atrás da massa de tropas. — A cabeça dele pertence-me.

Os soldados endireitaram-se à voz de comando, e uma secção do círculo abriu-se, permitindo que o cavaleiro entrasse.

Yoshiro reconheceu a colcha de seda do cavalo, os peitorais dourados da armadura e o elmo alado. O xogum viera finalmente para a luta.

— Kasimoto! — gritou Yoshiro. — Pensei que não tivésseis coragem para cruzar espadas comigo, pessoalmente.

— Eu não permitiria que qualquer outro vencesse um traidor — disse Kasimoto, desembainhando a sua própria espada, uma *katana* como a de Yoshiro, embora fosse uma arma mais terrível, com uma lâmina mais grossa. — Tu juraste-me lealdade como senhor feudal. Já vejo que te rebelaste.

² O mesmo que *haraquiri*, suicídio. (N. do T.)

— E vós jurastes proteger as pessoas e não assassiná-las e roubar-lhes a terra.

— A minha autoridade é absoluta — berrou o xogum. — Sobre eles e sobre ti. Eu não posso roubar o que já é meu. No entanto, se implorares, serei misericordioso.

O xogum assobiou e surgiu um pequeno grupo de prisioneiros. Crianças. Dois rapazes e duas raparigas. Estes foram forçados a ajoelhar-se, enquanto os servos do xogum se colocavam atrás deles com adagas.

— Tenho mais de mil cativos — disse o xogum. — E uma vez derrotada a tua turba, nada irá permanecer entre mim e a aldeia. Se te renderes agora e tirares a tua própria vida, matarei apenas metade dos prisioneiros e deixarei a aldeia de pé. No entanto, se lutares comigo, irei matá-los até ao último homem, mulher ou criança, e queimarei a aldeia, até só restarem cinzas.

Yoshiro sabia que chegaria a tal. Mas também se apercebia que muitos, nas fileiras do xogum, se tinham cansado da brutalidade, prevendo que, mais cedo ou mais tarde, a mesma se abatesse sobre eles. Isso dera-lhe um rasto de esperança. Se ele pudesse matar o xogum, ali e agora, mentes mais sábias poderiam prevalecer. Finalmente, poderia haver paz.

Yoshiro considerou as oportunidades. O xogum era um guerreiro astuto, forte e detentor de uma grande perícia, mas ele e o seu cavalo não estavam marcados pelo sangue, pelo suor ou pelo solo. Há já muito tempo que o xogum não tivera de lutar pela sua vida.

— Que resposta me dás?

Yoshiro bateu nos flancos do cavalo com os calcanhares e investiu, erguendo a espada reluzente por cima da cabeça.

O xogum reagiu lentamente, mas desviou-se daquele ataque no último momento, impelindo a sua montada para a frente e passando pelo lado esquerdo de Yoshiro.

Os guerreiros trocaram de lados, viraram-se e atacaram uma vez mais. Nessa ocasião, os animais cobertos com armaduras colidiram no centro do círculo. Ambos os cavalos se contorceram com o impacto. Os seus cavaleiros foram atirados ao chão.

Yoshiro foi o primeiro a levantar-se, atacando com um ímpeto mortal.

Kasimoto defendeu-se do ataque e saltou para o lado, mas Yoshiro girou e trouxe a espada para baixo.

Com cada clangor das armas, viam-se faíscas a voar das lâminas. O

xogum recuperou a estabilidade e, com um *uppercut*, arrancou o capacete de Yoshiro, abrindo-lhe um corte na face. Um golpe de resposta de Yoshiro retirou uma das placas de ombro de Kasimoto.

Irritado e com dores, o xogum investiu furiosamente, cortando, fintando, atacando, usando uma combinação letal.

Yoshiro cambaleou devido ao ataque, quase perdendo o equilíbrio. O xogum foi-lhe direito ao pescoço, com um corte que lhe deveria ter separado a cabeça do corpo, porém, com um movimento desesperado das mãos, Yoshiro desviou-se daquele golpe com o lado liso da espada.

O impacto deveria ter-lhe quebrado a arma em pedaços inúteis, mas a lâmina de Yoshiro aguentou o golpe, acabando por se tornar mais flexível e desviar para longe a investida. Num contra-ataque, Yoshiro desencadeou um poderoso *crosscut* que apanhou Kasimoto pelo meio do corpo. A margem da lâmina era tão afiada, e o ataque tão feroz, que cortou a chapa de aço pintada e o couro endurecido, fazendo com que as costelas do xogum deitassem sangue.

Um suspiro ouviu-se entre os soldados reunidos em redor. Kasimoto cambaleou para trás, levando a mão a um dos flancos. Olhou para Yoshiro com espanto. — A tua lâmina permanece inteira, enquanto a minha armadura está cheia de golpes como se fosse feita de pano molhado. Só pode haver uma razão para isso. Os rumores são verdadeiros, tu empunhas a arma do grande ferreiro de espadas, Masamune.

Yoshiro segurou a espada reluzente com orgulho. — Esta arma foi-me entregue pelo meu pai e antes pertenceu ao meu avô. É a melhor lâmina de todas as obras do mestre. E irá pôr um fim à vossa vida vil.

O xogum tirou o capacete para respirar e ver melhor.

— De facto, é uma arma poderosa — observou ele. — Uma arma que eu irei apreciar quando a retirar da tua mão morta, mas a minha espada é a maior das duas. Tem uma lâmina sempre com sede de sangue.

Yoshiro reconheceu a *katana* nas mãos do xogum. Tratava-se do trabalho de outro grande ferreiro de espadas do Japão, Muramasa, um protegido do famoso mestre.

Dizia-se que os dois espadeiros viviam num estado de amarga contenção e que Muramasa infundira as suas armas com o ciúme, ódio e negrume que ele sentia por quem o ensinara. Tinham-se tornado armas de conquista, destruição e morte, onde as obras de Masamune eram usadas para defender os justos e para trazer a paz.

Lendas, sem dúvida, mas sempre haveria alguma verdade nelas.

— Confiai nessa espada escura e a mesma trar-vos-á a ruína — avisou-o Yoshiro.

— Não antes que ela me traga a tua cabeça.

Os dois guerreiros rodeavam-se um ao outro, feridos e tentando retomar o fôlego, cada um deles a preparar-se já para o confronto final. Yoshiro estava coxo e Kasimoto a sangrar. Um deles tombaria em breve.

Yoshiro teria de agir de forma decisiva. Se ele perdesse a desenvoltura, Kasimoto matá-lo-ia. Se ele lhe desferisse um golpe, o xogum recuaria, com receio, e ordenaria que os seus homens se aproximassem e atacassem Yoshiro. Se tal ocorresse, até mesmo a magnífica arma que ele usava seria incapaz de o salvar.

Ele precisava de um raio mortal vindo do céu. Um que matasse o xogum instantaneamente.

Coxeando de um modo mais visível, Yoshiro parou. Assumiu a postura clássica de um samurai, uma perna para trás, outra para frente, ambas as mãos na espada, que era mantida junto à parte de trás da anca.

— Pareces cansado — disse o xogum.

— Experimentai-me.

O xogum respondeu com uma postura defensiva própria. Ele não iria morder tal isco.

Yoshiro tinha de agir. Avançou com uma velocidade surpreendente, com as abas da sua armadura em placas a abrirem-se como asas, enquanto ele atacava.

Ao aproximar-se, desferiu a *katana* contra o pescoço do xogum, mas Kasimoto bloqueou o ataque com um guante, e baixou a sua própria lâmina.

Esta cortou o braço de Yoshiro. A dor era excruciante, mas ele ignorou-a. Girou, descrevendo um círculo completo, e lançou-se a um novo ataque.

O xogum cambaleou para trás sob o peso da investida. Foi empurrado para a direita, outra vez para a esquerda e, em seguida, novamente para a direita. As pernas tremiam-lhe e a custo conseguia respirar.

Dominado pelo ataque, caiu, por acaso, ao lado de um dos jovens prisioneiros. Enquanto Yoshiro iniciava um golpe letal, o xogum colocou a criança em frente dele.

Yoshiro já estava no processo de golpear, mas a espada não acertou nem na cabeça do xogum nem na da criança. Continuou a descer, ferindo o tornozelo do xogum e mergulhando a ponta na terra pisada e macia.

Yoshiro tentou arrancá-la, porém, a lâmina ficou presa no chão por apenas um segundo. Este foi tempo suficiente para Kasimoto. Desviou a criança e atirou-se em direção a Yoshiro com ambas as mãos no punho da arma.

A sua lâmina cortou o pescoço de Yoshiro, tirando-lhe a vida instantaneamente. O corpo sem cabeça do samurai caiu como um saco. Mas as mortes ainda não tinham terminado.

A investida de Kasimoto fizera com que ele se agachasse. Ao baixar-se, o tornozelo dobrara-se-lhe onde fora esmagado pelo golpe final de Yoshiro. O xogum tropeçou para a frente, estendendo a mão para o chão para aliviar a queda, enquanto virava para si a ponta da sua própria espada.

Esta perfurou-lhe o peito onde Yoshiro lhe tinha cortado a armadura, trespassando-lhe o coração, e mantendo-o espetado sem que o seu corpo tocasse no chão.

A boca de Kasimoto abriu-se como se ele quisesse gritar, mas nenhum som saiu. Ficou ali, apoiado na sua própria arma, com o sangue a escorrer-lhe ao longo da lâmina encurvada.

A batalha terminou assim, tal como a guerra.

Os homens do xogum estavam cansados, exaustos e agora sem liderança. Encontravam-se a muitas semanas de casa. Em vez de continuarem a atacar e de incendiarem a aldeia, recolheram os seus mortos e partiram, levando consigo quer a espada reluzente de Masamune quer a arma encharcada em sangue forjada por Muramasa, o seu aprendiz.

As histórias dessa batalha cresceram desde aquele dia e rapidamente se foram ornamentando até as afirmações terem ultrapassado qualquer imaginação.

A *katana* de Yoshiro seria eventualmente conhecida como Honjo Masamune, a criação definitiva do maior espadeiro do Japão. Dizia-se ser inquebrável, se bem que se pudesse dobrar quase pela metade, enquanto balançava e chicoteava o ar. Uma lenda insistia que tinha um brilho interior capaz de cegar os seus oponentes. Outros diziam que a lâmina fora tão finamente afiada que, quando Yoshiro a segurava diante dele, dividia a luz num arco-íris que o tornava invisível.

A espada escura do xogum tornar-se-ia apenas um pouco menos famosa. Era cor de antracite, para começar, e dizia-se ter ficado mais escura e com um tom avermelhado depois de ter sido encharcada pelo sangue de Kasimoto. Esta veio a ser chamada de Lâmina Carmesim. A sua própria lenda iria crescer ao longo dos séculos. Muitos que ficaram na sua posse

vieram a adquirir grandes riquezas e poder. E a maioria deles também veio a ter o mesmo fim trágico.

Ambas as armas seriam passadas de samurai para samurai, de senhor feudal para senhor feudal, tornando-se um tesouro nacional do povo japonês. Ambas seriam mantidas pelas famílias poderosas, reverenciadas pelo público e valorizadas, até terem desaparecido sem deixar rasto nos dias caóticos dos finais da Segunda Guerra Mundial.

A Mandíbula da Serpente



MAR DA CHINA ORIENTAL
A CENTO E CINQUENTA QUILOMETROS DE XANGAI
DOZE MESES ANTES DO TEMPO PRESENTE

O SUBMERSÍVEL CINZENTO SINGRAVA CALMAMENTE ATRAVÉS DE UM PARAÍSO AQUÁTICO. A luz do Sol filtrava-se até ele desde cima. Um leito de algas ondulava na corrente. Peixes de todos os tamanhos e formas imagináveis disparavam em todas as direções. À distância, uma sombra ameaçadora surgiu na infinidade azul; um enorme, mas inofensivo tubarão-baleia, com a boca escancarada, enquanto filtrava a água em busca de pequenas nuvens de plâncton.

Da cadeira de comando, no nariz do submersível, o doutor Chen maravilhou-se com a impressionante variedade de vida em seu redor.

— Estamos a aproximar-nos da Mandíbula da Serpente — disse uma voz feminina ao lado dele.

Chen assentiu com a cabeça e manteve os olhos no mundo do lado de fora. Seria a sua última visão da luz solar natural durante um mês e ele queria saboreá-la.

O submersível continuou através do leito de algas, até que este deu lugar a uma faixa de coral e, em seguida, a um desfiladeiro submerso em forma de V. No início, não era mais do que uma fissura, mas alargava-se à medida que se ia afastando ao longe e, vista de cima, parecia uma boca aberta.

A Mandíbula da Serpente.

Enquanto viajavam sobre o desfiladeiro, o fundo do mar descia de uma forma acentuada.

— Leva-nos para baixo — ordenou Chen.

A piloto do submersível manipulou os controlos com uma precisão absoluta e a embarcação, cheia essencialmente de mantimentos, inclinou o nariz para baixo e desceu para a fenda de lados abruptos.

Cento e cinquenta metros mais abaixo, perderam a luz. Trezentos metros depois, encontraram-na novamente. Só que, dessa vez, era artificial e vinha de um habitáculo ancorado numa parede lateral da fenda.

Chen conseguiu distinguir o pequeno espaço e a pilha de módulos adicionais alinhados por baixo dele. Desceram até ao fundo da fenda, onde um emaranhado de canos e tubos podia ser visto, serpenteando pelo chão.

— Confio que consigas lidar com a ancoragem — disse Chen.

— Claro. Espere um pouco.

Pela primeira vez, Chen virou-se para observar a piloto. Ela tinha olhos expressivos, pele lisa e lábios cor de ameixa. Tinha um belo rosto, mas os técnicos que a haviam concebido não lhe tinham dado nenhum cabelo e, em alguns lugares, os elementos da sua maquinaria operacional encontrava-se à vista.

Ele conseguia distinguir ossos de titânio e articulações polidas em cada braço, conectadas ao torso; minúsculas bombas hidráulicas e mecanismos, juntamente com molhos de fios que lhe corriam pelo corpo como artérias, até desaparecerem sob painéis de plástico brancos, esculpidos para parecerem curvas humanas.

Os painéis cobriam-lhe o peito, o tronco e as coxas. Painéis semelhantes cobriam-lhe os braços, mas eram interrompidos para dar lugar aos pulsos. Os seus dedos eram pura maquinaria; poderosos e precisos, feitos de aço inoxidável, com pontas de borracha para que pudessem agarrar objetos mais facilmente.

Como engenheiro, Chen admirava a mecânica das suas formas e, como homem, apreciava a tentativa de beleza humana. Uma vez admitindo tal facto, perguntou-se por que motivo lhe tinham dado um rosto tão bonito, uma voz suave e uma atraente forma exterior, sem terem terminado o trabalho. Tinham-na deixado a meio caminho entre o humano e a máquina.

Uma pena, pensou ele.

Voltou-se para ver a zona de atracagem, enquanto o submersível se movia para se encaixar na beira da mesma, onde bateu suavemente e ficou trancado. Com o encaixe confirmado e a zona de contacto bem selada,

Chen não perdeu tempo. Levantou-se, pegou na mochila e destrancou a porta interior do submersível. A piloto não olhou para ele nem reagiu. Ficou apenas ali sentada, sem se mexer, a olhar fixamente em frente.

Não, pensou ele, não era meio humana. De modo algum.

Ao entrar no habitáculo, Chen passou por outras máquinas que se moviam sobre carris com esteiras semelhantes a lagartas de tanques. *Primos distantes da piloto do submersível, pensou. Muito distantes.*

Estas máquinas eram semelhantes a paletes autónomas cruzadas com os garfos de pequenas empilhadoras. Iriam descarregar os mantimentos e os equipamentos do submersível e levá-los para os depósitos apropriados, tudo sem o comando de quem quer que fosse na estação.

Ao mesmo tempo, outros autómatos carregariam o submersível com o minério extraído de uma fissura profunda sob o fundo do mar.

Havia uma palavra muito clara para isso. *Minério*. Na verdade, tal material era diferente de tudo o que já fora extraído anteriormente, uma liga que emergia das profundezas da Terra, mais forte que o titânio, com um terço do seu peso e imbuída de outras propriedades únicas, não encontradas em qualquer outra liga ou polímero.

Ele e os outros (e eram muito poucos os que a conheciam) chamavam a essa liga Adamante Dourado, ou simplesmente AD. As instalações de mineração submersas tinham sido construídas em segredo para a extraírem.

Para manter o segredo e maximizar a eficiência da estação, esta fora construída para ser quase totalmente automatizada. Apenas um ser humano ali se encontrava de cada vez, supervisionando os esforços de duzentos trabalhadores automatizados.

As máquinas vinham em todas as formas e tamanhos. Algumas tinham formas humanoides, como a piloto do submersível; outras eram referidas como sereias, dado que combinavam braços para agarrar, semelhantes aos dos humanos, e uma «cabeça» esférica cheia de câmaras, com um pacote de propulsão onde as pernas de um nadador humano deveriam estar.

Outras assemelhavam-se aos clássicos ROV³ da exploração aquática, e outras ainda pareciam-se com a maquinaria pesada, num estaleiro de obras de construção. A maioria dos modelos mais recentes funcionava no fundo do mar ou no próprio poço profundo. Todos eles operando com baterias recarregadas por um compacto reator nuclear, que fora reaproveitado de um submarino de ataque chinês e tornado seguro no seu módulo mais baixo.

³ Acrónimo de *remotely operated underwater vehicle*, veículo submarino operado remotamente. (N. do T.)

Aquando da sua primeira visita, Chen ficara impressionado com a estação. Passara o tempo em todos os cantos e recantos da mesma. O segundo posto que ocupara também fora emocionante. Mas agora, raramente deixava o nível superior, a única secção do habitáculo verdadeiramente concebida para seres humanos.

Chegou ao «escritório» que iria ser a sua casa durante os próximos trinta dias. Lá dentro, encontrou o homem que deveria substituir. O comandante Hon Yi da Marinha de Libertação do Povo.

Este último já fizera as malas e estava à espera, com a mochila pousada ao lado da porta.

— Já vejo que estás pronto para te ires embora.

— Tu irás sentir o mesmo depois de um mês aqui em baixo, sem outra companhia para além das máquinas.

— Acho algumas delas interessantes — admitiu Chen. — Em especial, a piloto do nosso submersível. E alguns dos robôs de mergulho têm características expressivas. Eu creio que eles estão a trabalhar numa réplica humana completa para nos fazer companhia.

Hon Yi riu-se. — Se se tornarem demasiado reais, ainda iremos discutir com elas sobre quem deve fazer o jantar.

Chen e Hon Yi riram-se, mas ele não se teria importado com uma companheira robô que parecesse humana, desde que lhes pudessem eliminar o olhar mortiço e misterioso que se instalava, logo que as máquinas ficavam inativas.

— Qual é a nossa situação? — perguntou ele, voltando às questões profissionais.

— Receio que a recolha esteja fraca — informou Hon Yi. — Pior do que no último mês. O que, como deves saber, já tinha sido pior do que no mês anterior.

— E no mês antes desse — acrescentou Chen, com uma careta. — Parece que o rendimento está a ir por água abaixo.

Hon Yi assentiu com a cabeça. — Sei bem o valor daquele minério. Conheço o que tu e os engenheiros dizem que o mesmo pode fazer, mas se não encontrarmos um modo mais eficiente de o extrairmos, alguém no Ministério irá ser acusado de ter gastado em vão todo o dinheiro.

Chen duvidava disso. O Ministério dispunha de fundos ilimitados e, no caso em questão, estava a trabalhar em parceria com o bilionário que desenvolvera os robôs. Ele duvidava que qualquer um dos dois grupos estivesse disposto a perder os seus cêntimos. Contudo, quando olhou para os números

na consola do computador, ficou surpreendido ao ver a baixa quantidade de Adamante Dourado que fora processada. — Cem quilos? Só isto?

— O veio está a esgotar-se — informou Hon Yi. — Mas não me parece que seja eu a dizê-lo aos nossos patrões.

Ouviu-se um estalo no intercomunicador. Uma voz que soava a humana, masculina dessa vez, disse: — Relatório TL-1. Injetores de bacia profunda prontos. Ressonadores harmónicos carregados. Intervalo de impacto, Z menos cento e trinta.

Muito abaixo da estação, os robôs estavam a preparar-se para a fase seguinte da operação mineira. Ao que parecia, estavam a focar-se na secção mais profunda da fissura.

Chen olhou para Hon Yi. — Já estiveste nas profundezas.

— O sonar de penetração no solo indica que o único veio remanescente de minério se dirige para baixo. Se a operação é para continuar, devemos escavar aquele veio profundo. A única alternativa seria desligar tudo.

Chen não tinha a certeza disso. Havia perigos conhecidos na mineração a essa profundidade.

— Será que devo dar a ordem? — inquiriu Hon Yi. — Ou preferes ser tu a ter essa honra?

Chen levantou as mãos. — Não hesites, faz o pedido.

Hon Yi pressionou o botão do intercomunicador e deu a ordem, do modo específico em que eles tinham sido treinados, para comandar os robôs. — Proceder conforme programado. Objetivo primordial: maximizar a recolha de minério e a velocidade. Continuar a operação até que a recuperação de minério caia abaixo de uma onça por tonelada, a menos que o contrário seja indicado.

— Confirmado — respondeu o TL-1.

Um zumbido distante encheu a estação segundos depois. Tratava-se de um efeito colateral da mineração. Era tão constante, quando a operação estava a decorrer, que Chen sabia que se iria esquecer do mesmo após um dia ou dois, apenas para ser lembrado quando as máquinas fizessem uma pausa para se repararem a si mesmas, reavaliarem o processo ou trocarem de baterias.

— A estação é agora tua — disse Hon Yi. Entregou-lhe as chaves do comando e um *tablet*.

— Diverte-te no teu passeio até à superfície — retorquiu Chen. — O dia estava soalheiro quando descí.

Hon Yi sorriu ao pensar no Sol, pegou na mochila e dirigiu-se apressadamente para a porta. — Até daqui a um mês.

Chen ficou sozinho. De imediato, olhou em volta à procura de qualquer coisa para fazer. É claro que havia muitos relatórios para ler e papelada para pôr em ordem (eles ainda não tinham construído um robô para lidar com tais tarefas), mas ele tinha tempo de sobra para tudo isso e nenhum desejo de apressar a monotonia.

Colocou o *tablet* na mesa e foi até ao aquário. Havia ali vários tipos de peixes: cupins, uranóscopos e um peixe japonês. Hon Yi sugerira que eles arrandassem um beta e o colocassem na prateleira, num tanque separado, já que os betas não podem viver com outros peixes. Mas Chen dissuadira-o disso; já havia solidão suficiente a acontecer ali em baixo.

Olhando através do vidro, Chen notou que os peixes estavam a nadar de um lado para o outro no aquário. Eles ficavam sempre muito agitados quando as escavações eram retomadas. Para acalmá-los, Chen pegou num pacote de comida e espalhou um pouco sobre a água. Assim que os flocos atingiram, os peixes vieram à superfície para os comer.

Chen não pôde deixar de sorrir perante a ironia. Um aquário dentro de um aquário. Um mantinha peixes vivos num ambiente dominado pelo ar; e o outro mantinha-o a ele e Hon Yi vivos nas profundezas do mar. Ambos os grupos sem nada que fazer para além de olharem pela janela e comerem. Se o padrão persistisse, teria mais dez quilos quando voltasse à superfície.

Chen polvilhou mais flocos, mas os peixes pararam de comer e ficaram imóveis sem que ele estivesse à espera. Todos ao mesmo tempo. Chen nunca vira nada assim.

Os peixes desceram para o fundo. As barbatanas não se moviam, as guelras não pulsavam. Era como se tivessem sido atordoados ou drogados.

Bateu no vidro. Instantaneamente, os peixes começaram a nadar rapidamente de um lado para o outro. Era como se tivessem entrado em pânico. Alguns deles embatiam nas paredes de vidro como abelhas a tentar fugir através de uma janela. Um deles foi até ao fundo do aquário e começou a escavar no cascalho.

Enquanto Chen os observava, viu ondulações a formarem-se no topo do tanque e reparou que o cascalho no fundo começara a saltar e a vultear. As paredes do habitáculo começaram também a agitar-se.

Ele recuou. As vibrações provocadas pela operação de mineração estavam a tornar-se mais barulhentas. Mais altas do que seria de esperar. Mais altas do que ele alguma vez ouvira. Livros e peças de coral decorativas

começaram a vibrar na prateleira. O aquário caiu para o chão e estilhaçou-se, mesmo ao lado dele.

Chen premiu o botão do intercomunicador. — TL-1 — disse para chamar um robô de comando. — Cessar as operações de mineração de imediato.

TL-1 respondeu logo e de uma forma calma: — Autorização necessária. — Fala o doutor Chen.

— Código de comando não reconhecido — respondeu o robô. — Autorização necessária.

Chen apercebeu-se imediatamente que os robôs estavam à espera da voz de Hon Yi. Ele ainda precisava de entrar no computador para substituir a autorização de Hon Yi pela sua própria.

Pegou no *tablet* e bateu furiosamente no ecrã. Enquanto digitava, um som estridente tornou-se audível, como pedregulhos a rasparem uns contra os outros. O som elevou-se mais, e tornou-se mais próximo com uma velocidade terrível, até que algo atingiu a estação.

Chen foi atirado para o chão e depois contra a parede. Tudo começou a cair aleatoriamente. Um jato de água explodiu, através de uma fenda rasgada no metal, com mais força do que uma mangueira de incêndio. Partiu-lhe os ossos e perfurou-lhe a carne, esmagando-o contra a parede, tão facilmente como um camião a alta velocidade teria feito.

Em segundos, o módulo encheu-se de água, mas Chen já estava morto antes que se pudesse ter afogado.

No exterior do habitáculo, o submersível acabara de se soltar da estação logo que o tremor começara.

Hon Yi ouviu o estrondo através das paredes da embarcação. Viu então a destruição vinda de cima, enquanto enormes lajes de pedra caíam através do brilho intenso das luzes de trabalho mais acima. Ao mesmo tempo, nuvens de sedimentos explodiam para cima, vindas de baixo.

— Vai — ordenou Hon Yi à piloto. — Tira-nos daqui.

A piloto reagiu com uma eficiência mecânica, mas sem grande pressa.

A avalanche atingiu o nível mais alto da estação, separando-a do resto da estrutura, o impacto lançando detritos que choveram sobre o submersível.

Em vez de esperar que o robô se apercebesse do perigo mortal de que nunca se poderia dar conta, Hon Yi estendeu a mão e pegou nos controlos. Ele tentou empurrar o acelerador para o máximo, mas o robô não retirou a mão do mesmo.

— Cede o comando.

O robô soltou os controlos e recostou-se impassível. Hon Yi empurrou o acelerador para o máximo e girou a válvula para esvaziar o lastro dos tanques. O submersível começou a deslizar mais depressa e a subir.

— Vamos lá — pediu ele. — Vamos!

O submersível deu um salto para a frente. Uma onda de pedras atingiu o casco externo, soando como granizo. Uma rocha do tamanho de um punho bateu na cobertura, lascando-a. Pedras maiores atingiram o teto, amolgando o alojamento da hélice.

Hon Yi tentou guiar o submersível para longe do perigo, mas com o alojamento da hélice amolgado, apenas conseguia fazer com que a embarcação se movesse em linha reta. O submersível inverteu a marcha, quando ele acelerou, para voltar precisamente para a zona de perigo.

— Não! — gritou ele.

Uma segunda onda de destroços caiu diretamente sobre o submersível. A cobertura despedaçou-se. Um pedregulho esmagou o casco, como uma lata, e a avalanche de destroços empurrou a embarcação para baixo, fazendo com que esta batesse contra o fundo da Mandíbula da Serpente.

1



ARREDORES DE PEQUIM UM MÊS MAIS TARDE

À PRIMEIRA VISTA, A CENA ERA BUCÓLICA, DOIS IDOSOS SENTADOS NUM parque, debruçados sobre um jogo de pura estratégia. Mas o parque, com as suas árvores e arbustos e um lago de águas escuras, era na verdade o quintal privado do segundo homem mais poderoso do governo chinês. O jardim esculpido escondia câmaras de vigilância e as trepadeiras floridas, na distância, cobriam uma parede de quatro metros. Esta estava cheia de sensores, encimada por arame farpado e vigiada por guardas armados, caso alguém fosse suficientemente estúpido para se aproximar demasiado.

Pequim espalhava-se do lado de fora da muralha, frenética, cheia de gente e caótica. Dentro, havia um refúgio.

Walter Han já fora convidado para ali muitas vezes. Nunca permanecera tanto tempo, ou com tão pouca conversa entre ele e o seu mentor. Sem palavras entre eles, fora forçado a concentrar-se no tabuleiro de jogo entre ambos, um objeto quadrado com meio metro de lado, parcialmente preenchido com pedras pretas e brancas.

Eles estavam a jogar o antigo jogo da Ásia. Mais velho do que o xadrez e infinitamente mais complexo. Chamado Weiqui na China, o jogo era conhecido como Igo no Japão e Baduk na Coreia. Os ocidentais chamavam-lhe simplesmente Go.

Apercebendo-se de uma oportunidade, Han retirou uma pequena

pedra branca, de um recipiente a seu lado, e colocou-a em posição. Satisfeito com a jogada, recostou-se melhor e admirou os jardins. — Sempre que venho aqui, fico espantado, ao saber que ainda nos encontramos nos limites da cidade.

Han tinha os seus quarenta e muitos anos. Mais alto do que a maioria dos homens chineses, era também magro e esguio. Alguns descrevê-lo-iam como delgado. Nascera em Hong Kong, de pai chinês e mãe japonesa, e fora-lhe dado um nome ocidental, porque isso facilitava os negócios com as empresas europeias e americanas que tanto amavam o posto avançado da ilha.

Na época em que Han nascera, o pai dele já estava à frente de uma pequena empresa de artigos eletrónicos. Ao contrário de muitos em Hong Kong, o pai de Han optara por se alinhar com o governo do continente, em vez de travar uma batalha perdida pela independência. Essa decisão trouxera-lhe ótimas recompensas. A família de Han era já milionária quando os britânicos se retiraram e, nas décadas seguintes, Han e o pai tinham construído o maior conglomerado da China: a ITI, ou Industrial Technology, Inc.

Com o pai desaparecido, Han passara a última década a gerir a empresa por conta própria. Não só mantivera ligações estreitas com o governo em Pequim, mas expandira-as. Alguns viam-no como um quinto pilar do governo. O dinheiro, o poder e o prestígio haviam feito dele uma força a ser levada em conta. E ainda assim, tinha deferências para com o homem que estava sentado em frente dele.

— É essencial um lugar solitário. Caso contrário, não se pode pensar com todo o barulho. — As palavras saíram da boca de Wen Li como poesia; tratava-se de um homem pequeno com algumas madeixas de cabelo branco nas fontes. Tinha a pele manchada e uma ligeira inclinação para baixo no lado direito do rosto.

Como estratega, Wen tinha observado os líderes do partido através de seis décadas de turbulência. Fora soldado, estadista e estratega. Dizia-se que ordenara pessoalmente a repressão na Praça de Tiananmen, para, em seguida, ter guiado a China para o caminho do capitalismo, sem abrir mão do governo de partido único.

Ocupara vários cargos dentro do Partido, mas o seu título não-oficial era mais impressionante. Chamavam-lhe Lao-shi, literalmente, *pessoa idosa de altas competências*, mas, aplicado a Wen, era o equivalente a *Mestre Sábio*.

Wen fez um movimento no tabuleiro, colocando uma pequena pedra negra ao lado de uma das pedras brancas de Han. Basicamente, eliminando esta do resto das peças de Han. — Vem ter comigo muito combalido — disse ele. — As notícias são assim tão más?

Han estivera à espera do momento apropriado para falar, mas já não conseguia protelar mais. — Infelizmente, sim. O relatório do local de mineração está completo. Os nossos piores receios foram confirmados. A avalanche destruiu a maioria dos módulos exteriores, preenchendo partes da grande fenda e espalhando detritos através da Mandíbula da Serpente. O reator não foi afetado, mas o projeto não pode ser retomado sem um enorme esforço e grandes despesas.

— Grandes, como?

Han sabia os números de cor. — Só para escavar os detritos implicaria um custo de cem mil milhões de iuanes. Para restabelecer a operação e reconstruir a estação... pelo menos quinhentos mil milhões adicionais. O período de tempo será longo. Especialmente se se mantiver a necessidade de atuarmos em segredo.

— Essa permanecerá, sem dúvida — afirmou Wen.

— Nesse caso, irá demorar três anos, antes que a mina comece a produzir de novo.

— Três anos... — ecoou Wen.

O idoso recostou-se melhor, entregando-se aos seus próprios pensamentos.

— Pelo menos três anos — repetiu Han.

Wen despertou do seu devaneio. — Quanto minério estava a produzir a mina quando se deu o acidente?

— Menos de meia tonelada por mês. E a baixar.

— Havia algumas esperanças de aumentar o seu rendimento?

— Muito poucas.

Wen resmungou o seu descontentamento. — Assim sendo, por que motivo iríamos desperdiçar tantos milhões e tanto tempo a escavar buracos adicionais no fundo do mar? Que nos poderá levar, de facto, a considerá-lo?

Han respirou fundo. Ele esperava ter Wen do seu lado. Apesar de tudo, o idoso fora, desde o início, o principal defensor das operações de mineração secreta, e percebera, muito cedo, o valor estratégico das mesmas.

— Porque o *minério* não pode ter um preço em iuanes ou em tempo desperdiçado — explicou ele. — Como bem sabe, o Adamante Dourado

é diferente de qualquer coisa que o mundo alguma vez tenha descoberto. Trata-se de um metamaterial vivo. Cinco vezes mais forte do que o titânio, capaz de realizar coisas que nenhuma outra substância derivada da Terra, ou criada em laboratório, alguma vez possa igualar. Com ele, podemos construir uma geração de aeronaves, de navios e de mísseis virtualmente indestrutíveis. Já para não mencionar milhares de outros usos sobre os quais os nossos engenheiros já andam a sonhar. Aquela mina, a nossa mina, é o único lugar no mundo onde aquele material já foi encontrado. É claro que sabe disso. O custo é irrelevante. Teremos de reconstruir tudo.

O idoso olhou para ele de um modo ameaçador, e Han perguntou-se se teria ido demasiado longe.

— Não me dê lições acerca do que deve ser feito — ripostou Wen.

Han fez uma ligeira vénia. — Peço desculpa, Lao-shi.

Wen deixou de fitar Han e voltou a sua atenção para o jogo. — Em parte tem razão — disse ele, colocando outra pedra preta no tabuleiro. — O minério, como tão alegremente lhe chamamos, é a chave do futuro. Está como o bronze acima do cobre e como o ferro acima do bronze. A História sempre foi um relato acerca de quem tem a espada mais afiada e mais forte, a armadura mais leve e mais resistente. A nação que controlar o Adamante Dourado será inatacável. Mas você não tem razão, ao sugerir que continuemos a perfurar no mesmo local esgotado.

Han inclinou a cabeça para um lado. — Mas não há outros depósitos.

— nenhuns que tenham sido encontrados — respondeu Wen.

— Com todo o respeito, Lao-shi, nós tivemos pessoas a investigar pelo mundo fora durante anos. Não encontramos vestígios desta liga em nenhum outro lugar. Não na África, nem na América do Sul ou no Médio Oriente. Nem ao longo do nosso próprio território ou nas ilhas vulcânicas do Pacífico Sul. Em nenhum lugar que esperávamos que a pudéssemos descobrir. Tirámos dez mil amostras das profundidades do mar e não encontramos mais nada para além dessa única fonte.

— É verdade — retorquiu Wen. — No entanto, consegui obter informações acerca de um outro depósito que talvez exista, e muito mais próximo do que se possa pensar. — Ele apontou para o tabuleiro. — Por favor, faça a sua jogada.

Han olhou para o tabuleiro. Achava difícil concentrar-se no jogo com essa informação a pairar no ar. Ainda assim, uma rápida vista de olhos revelou-lhe que o seu lado se encontrava numa situação perigosa. As suas pedras brancas estavam a ficar cercadas. Quaisquer jogadas adicionais que

ele fizesse só colocariam Wen numa posição melhor. Ele tinha de esperar que o velho mestre cometesse um erro. — Passo — disse ele.

Wen assentiu. — Está no seu direito.

— Por favor, meu amigo. Diga-me, onde se encontra o outro depósito?

Em frente dele, Wen hesitou, rolando a pedra lisa entre os dedos, antes de a pousar no tabuleiro. — Algures na ilha de Honxu.

Han demorou um segundo a processar a resposta. — No Japão? No arquipélago?

— Possivelmente ao largo — revelou Wen. — Mas, mais provavelmente, no continente e, se eu tiver a informação correta, muito perto da superfície.

As palavras foram ditas sem emoção, mas Han ficou sem fôlego. — Como é que sabe disso? E, mais importante ainda, como é que isso nos pode ajudar? Mesmo que o encontremos, não podemos explorá-lo sem ser detetados. E se tentarmos e formos descobertos, tudo o que iremos conseguir é chamar a atenção dos japoneses para a existência do minério. E isso significa dá-lo aos americanos. Estaremos assim a entregar aos nossos adversários a mesma coisa que nós próprios tencionamos controlar.

— Precisamente — observou Wen. — E, por esse motivo, ainda teremos de seguir a nossa informação inicial.

— Então, estamos num impasse — retorquiu Han.

— Acha que estamos?

Wen estendeu a mão para o recipiente de onde retirou um punhado de pedras pretas. — Diga-me — perguntou ele —, qual é o objetivo deste jogo?

Han tentou esconder a sua frustração. Ele acostumara-se ao facto de Lao-shi tentar transmitir conhecimentos através de métodos únicos, e reconheceu este como sendo um deles, embora o mesmo não lhe estivesse a agradar. — O objetivo do jogo é cercar o oponente, negar-lhe a liberdade e, assim, negar-lhe a vida.

— Efetivamente — disse Wen. — E que nação tem os maiores jogadores?

— A China — respondeu Han. — No fim de contas, inventámos o jogo.

— Não — ripostou Wen, colocando uma pedra negra. — Isso é o ego a falar, não a sabedoria.

— Se não formos nós, só se for o Japão.

Wen abanou a cabeça mais uma vez, Han fez um passe e o idoso colocou outra pedra negra no tabuleiro.

Han franziu a testa. Ele estava a perder o jogo e o argumento. Voltou a passar. — A Coreia é conhecida por ter muitos jogadores de renome — disse ele, com um tom de desespero na voz.

— Os americanos — disse Wen. — São eles os maiores jogadores que este jogo alguma vez teve. Eles demonstraram mais precisão e mestria do que qualquer nação no mundo.

Han resistiu ao impulso de trocar. — Tem a certeza? Eu não consigo pensar num único especialista americano.

— Porque está a olhar para o tabuleiro errado — observou Wen. — Olhe outra vez e imagine que este tabuleiro é um mapa.

Completamente confuso, Han estudou o referido tabuleiro uma vez mais. Notou então uma vaga semelhança entre o mesmo e o mapa do mundo. Não os mapas ocidentais, com a América do Norte ao meio; mas o asiático, onde a China ocupava uma posição central.

A sua força de pedras brancas no meio era a China. As pedras negras, rodeando-as de um lado e para baixo, poderiam ser a Europa e a América do Norte.

Antes que pudesse expressar tal pensamento, Lao-shi continuou com a lição. — Eles têm exércitos na Europa — prosseguiu ele, colocando outra pedra negra. — Controlam o Atlântico, o Mediterrâneo e o Índico. Têm bases no Médio Oriente, colocam tropas em território que costumava pertencer à Rússia comunista. Lançam aeronaves e navios das ilhas em redor do Pacífico.

Wen já não estava empenhado no jogo; preferia encaixar a lição na mente de Walter, nomeando um ativo americano após outro, servindo-se de pedras para representar cada um. — Havai, Austrália, Nova Zelândia — disse ele, ao pôr no tabuleiro três pedras negras. — Coreia, Filipinas e Formosa, que eles chamam de Taiwan, e, é claro... o Japão.

Quando a última pedra foi pousada no tabuleiro, as peças brancas que representavam a China estavam cercadas.

Com a lição terminada, Wen levantou os olhos. A intensidade do seu olhar bania qualquer pensamento de fragilidade. — Desde o seu continente insular, os americanos cercaram o mundo. O nosso mundo.

A confiança de Han foi substituída pela dor do constrangimento. — Percebo, mas que poderemos nós fazer?

Wen apontou para o tabuleiro. — Qual destas pedras é que retiraria?

Han estudou o jogo uma vez mais. Era a última que lhe parecia a mais importante. A que fechara o círculo e se assegurara de que o lado branco, a

China, iria morrer. — Esta aqui — disse ele, deslizando a peça para fora do tabuleiro. — O Japão.

— E assim deverá ser — concluiu o mestre.

O peso da sugestão de Wen atingiu Han de repente. O seu coração começou a bater mais depressa ao pensá-lo. — Não poderá estar a planear uma ação militar...?

— Claro que não — respondeu Wen. — Mas se o Japão fosse mudado de preto para branco, de um aliado americano para um aliado chinês, o tabuleiro seria redesenhado instantaneamente. Nós não só começaríamos a reverter o domínio americano, mas estaríamos livres para minerar todo o Adamante Dourado que pudesse existir neste mundo.

— Será que tal poderá ser feito? — perguntou Han. — Existem séculos de animosidade entre nós. Crimes de guerra e disputas territoriais.

— Já temos um plano em andamento — revelou Wen. — Um que o meu amigo está exclusivamente qualificado para observar.

— Porque sou meio japonês.

— Pois — disse Wen. — Mas há também uma outra razão: as corporações que controla e as várias tecnologias que os seus engenheiros têm dominado.

Han escutou as palavras veladas e perguntou-se exatamente onde é que Wen queria chegar. Ele sabia que os detalhes só iriam surgir se ele se compromettesse. — Farei a minha parte — concordou. — Seja o que for de que precise.

— Ótimo — respondeu Wen. — Entre outras coisas, esta tarefa irá exigir mais máquinas. Autómatos capazes de imitarem perfeitamente o comportamento humano. Você foi financiado durante anos pelo Ministério para estudar tal projeto. Agora terá de nos relatar os seus avanços. Conseguirá construí-los na perfeição? Eles têm de ser indestrinçáveis de quaisquer outros que possam ser replicados.

Han sorriu. Ele assumira sempre que o cheque em branco viera como fazendo parte de alguma estratégia. Lao-shi deveria ter estado a elaborar o plano há vários anos. — Estamos muito perto.

— Muito bem — respondeu Wen. Limpou o tabuleiro e voltou a colocar as pedras nos seus respetivos recipientes. — A minha secretária irá dar-lhe um pacote quando sair. As instruções estão lá dentro. A sua primeira reunião será em Nagasáqui. Um acordo está a ser elaborado para construirmos lá uma fábrica e um Pavilhão da Amizade, para celebrarmos os novos laços. A fábrica irá ser sua. Será a sua base de operações.

Han pôs-se de pé, cheio de energia. — E se os americanos interferirem?
— Eles não sabem nada disto — venceu Wen. — Mas este não é um jogo para medrosos. No final, será negada a liberdade e a vida a um dos lados. Se os americanos nos tentarem impedir, você irá certificar-se de que falham.